

## DISCURSO DE POSSE NA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOSOFIA<sup>1</sup>

Exmo. Sr. Presidente da Academia Brasileira de Filosofia, Professor Edgard Leite Ferreira Neto,  
na pessoa de quem saúdo os demais membros dessa seleta mesa,  
Ilustres Confreiras e Confrades,  
Digníssimas autoridades,  
Meus familiares e amigos,  
Senhoras e senhores,

O maior patrimônio é o da memória,  
o que fica na mente coletiva,  
o que não mais é coisa transitória,  
porque o inconsciente faz que viva  
e se eternize e seja mais que história,  
na voz de uma verdade primitiva,  
ou no que dentro da alma se incorpore à  
paz que de si mesma se deriva,  
e que nos vem como um sinal de glória  
em nossa humana solidão nativa,  
de onde o sonho acompanha a trajetória  
do tempo e o tempo vive a expectativa  
de que a razão da vida se elabore à  
luz do que de eterno nos cativa. (José Chagas, “A trajetória do tempo”,  
extraído da obra *Os azulejos do tempo – patrimônio da humana idade*)

De fato, como nota o poeta José Chagas, meio paraibano, meio maranhense, o sonho acompanha a trajetória do tempo. E o tempo, avisa outro vate, Carlos Nejar, estimado amigo desta Casa, “nasceu do homem”, porém se formou “pedra / na eternidade de pedra”. O “homem não é pedra”, esclarece ele, mas se preocupa com o “seu destino de pedra”, pois o “homem nasceu do vento”. Eu sonhei. Não foi um sonho de pedra, ele veio dos ventos do inconsciente freudiano. Estava em certa estação, denominada Osório, marcada pelo estilo neoclássico, coberta de azulejos, a me lembrarem os azulejos que revestem os casarões coloniais de São Luís, minha cidade natal. Estação ferroviária, bem dito, daquelas que povoaram o cotidiano laboral de meu avô paterno, João Meireles Ferro. Eu recebera um bilhete, das mãos do Prof. Guilherme Louis Wyllie Medici, para embarcar em um trem, fabricado em 1989, com vagões elegantes e exclusivos. Nos primeiros, fui informada, há 60 poltronas fixas, destinadas aos passageiros titulares; nos seguintes, acomodam-se os passageiros correspondentes, de outras plagas, da Alemanha ao Vaticano, dos Estados Unidos ao Japão; nos panorâmicos, as janelas se abrem para o mundo das ideias; enfim, nos derradeiros, guardam-se as bagagens. Há também a locomotiva, movida a pensamento. O número de poltronas fixas não se altera; as bagagens, por outro lado, estão sempre aumentando. De quando em vez, um passageiro desembarca, com todas as honras;

---

<sup>1</sup> Proferido por ocasião da solenidade de posse na Casa Histórica de Osório, sede da Academia Brasileira de Filosofia, no Rio de Janeiro-RJ, em 09.12.2021, a partir das 19h30.

sua bagagem, todavia, permanece no trem. Disseram-me que eu agora seria imortal; a ideia me deixou animada, confesso, ainda mais em tempos pandêmicos, porém desconfio que a única imortalidade possível – que não é de pedra – está na bagagem de cada um. Uma vez passageiro...

Não estava sozinha à espera do trem. Ao meu lado, estavam o meu pai, o professor e historiador Wilson Pires Ferro, da Universidade Federal do Maranhão, resgatado, para minha felicidade, dos domínios celestiais, para onde partira em 2014, e a minha mãe, a contabilista Eunice Graça Marcília Almeida Ferro, meus anjos da guarda. Equilibrando-se entre a razão e a emoção, davam-me os últimos conselhos, sábias lições, que eu ouvira muitas vezes ao longo da minha vida. O trem chegou, e guardei a imagem de meu pai no coração; minha mãe, desafortunadamente, olvidou tudo o que me dissera, mas ainda pude lhe surpreender nos olhos perdidos o brilho de outrora e nos lábios entreabertos o amor incondicional à única filha.

Devidamente encorajada com os imperativos categóricos evocados por meus pais, entrei no trem. Fui recebida por seu condutor, o Prof. Edgard Leite Ferreira Neto, que me apresentou a um conterrâneo, o filósofo e matemático maranhense Raimundo Teixeira Mendes, acompanhado de um distinto cavalheiro de Montpellier, que atendia pelo nome de Auguste Comte. O condutor pediu licença para se dirigir à locomotiva e continuar a viagem do trem, deixando-me com os dois icônicos personagens, o primeiro nascido em 1855, dois anos antes do falecimento do segundo. O francês, formulador da doutrina do Positivismo – considerado o primeiro filósofo da ciência em sua acepção moderna e delineador dos primeiros contornos da Sociologia como disciplina acadêmica, sob a denominação inicial de “Física Social”, depois substituído por “Sociologia”, a abrir caminhos para as regras do método sociológico de Émile Durkheim e para a emancipação da Sociologia como ciência autônoma –, logo veio a discorrer apaixonadamente sobre a sua tese de que o conhecimento autêntico somente poderia ser apreendido via experimentação e aferimento científico, sujeitando a imaginação e a argumentação à observação, de que a Sociologia seria a ciência capaz de aplicar o método de observação e experimentação das ciências da natureza na sociedade, de que haveria uma marcha progressiva contínua na história humana, de sorte que um estado positivo, no sentido de científico, caracterizaria a fase final, em sequência às etapas teológica e metafísica, na evolução da compreensão humana, a consagrar a Lei dos Três Estados, e de que a religião da humanidade, de linha agnóstica, deveria prevalecer, com a substituição do ente divino pela Humanidade e a reverência aos antepassados.

Nesse momento, Raimundo Teixeira Mendes, exultante, comentou que ele fora um dos mais dedicados propagadores das ideias do mestre gaulês no Brasil, enfatizando a notável influência exercida pelo Positivismo nos rumos de nossa história, especialmente na justificação da abolição da escravatura, na proclamação e organização da República, no arcabouço da Constituição de 1891, na opção pela separação entre a Igreja e o Estado, na instituição geral de reformas visando à inclusão social do proletariado, na adoção de uma legislação trabalhista, até então inexistente, e de iniciativas de respeito às mulheres e proteção dos animais, dentre outros feitos. Comte, nitidamente satisfeito, exclamou: “O Amor por princípio e a Ordem por base; o Progresso por fim”! (*L’amour pour principe et l’ordre pour base; le progrès pour but*). Aproveitando a referência, Teixeira Mendes levou-me a uma poltrona, a de número 13, ocupada por um engenheiro e professor de Física aposentado da Escola Politécnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), de nome Danton Voltaire Pereira de Souza, que me foi de pronto apresentado. Ao seu lado, repousava uma pequena bandeira nacional, sob o famoso dístico de inspiração comtiana: “Ordem e Progresso”. Mendes me mostrou um esboço dessa bandeira, em papel quadriculado, projeto de sua concepção, com a colaboração de Miguel Lemos, Manuel Pereira Reis e Décio Villares, apresentado em 19 de novembro de 1889 ao governo provisório,

por intermédio do também positivista Demétrio Ribeiro, Ministro da Agricultura. Lembrei-me do Dia da Bandeira. Teixeira Mendes igualmente contou que estivera à frente, na companhia de Miguel Lemos e Benjamin Constant, da primeira sociedade positivista do Brasil, fundada em 1876, bem como que assumira a liderança da Igreja Positivista do Brasil a partir de 1905, diante da enfermidade e posterior morte de Miguel Lemos. Por fim, exibiu-me alguns de seus vários livros, como *A propósito da liberdade dos cultos* (1888), *A política positivista e o regulamento das escolas dos exércitos* (1890), *A comemoração cívica de Benjamin Constant e a liberdade religiosa* (1892), *A liberdade espiritual e a organização do trabalho* (1902) e *A diplomacia e a regeneração social* (1908). Pedindo escusas pelo adiantado da hora, o maranhense e o francês saíram de cena, ao mesmo tempo que chegavam o psicólogo Jorge Trindade, colega e amigo do Ministério Público, para se sentar na poltrona vizinha, de número 10, e um cavalheiro de Praga, renomado jurista e filósofo do Direito, que eu logo descobri, para meu enlevo, ser Hans Kelsen, de cuja teoria eu tratara no meu décimo sexto livro: *Justiça em Kelsen e Direito em Luhmann*. Depois do positivista Comte, nada mais natural do que encontrar o maior nome do Positivismo Jurídico. Não houve chá das cinco, mas farto café com pão, bolacha não, como diria Ferreira Gullar.

Encetamos os quatro uma animada conversa, Kelsen a defender entusiasticamente a sua teoria pura do Direito, Jorge Trindade a pontificar que a atividade jurídica não é produto de simples silogismo entre os fatos e a lei, porém primeiramente o entendimento das razões humanas, e Danton a falar de sua fé na religião da humanidade, derradeiro fruto das ideias comtianas, e de seu trabalho como herdeiro do legado intelectual de Teixeira Mendes, na qualidade de líder da Igreja Positivista do Brasil, e a descrever o Templo da Humanidade, na Glória, onde ocorreu a celebração da confirmação do casamento de Cândido Rondon em 1903, no qual se destacam os bustos de 13 luminares, a exemplo de Aristóteles, Arquimedes, César, Homero, Shakespeare, São Paulo, Carlos Magno e Dante, nas laterais da grande nave, e a imagem da Deusa Humanidade, inspirada na figura de Clotilde de Vaux, musa de Comte, no altar, a cujos pés repousa o busto do formulador da doutrina positivista, além da máxima comtiana inscrita no pórtico e em seu interior: “Os vivos são sempre e cada vez mais governados necessariamente pelos mortos”. Confidenciou-nos que o cortejo fúnebre de Raimundo Teixeira Mendes em 1927 parou a cidade do Rio de Janeiro, parecendo vaticinar o fim da República Velha, para cuja criação ele tanto contribuíra com sua vigorosa atuação filosófica, política, social e religiosa.

Pelas janelas, era possível divisar o mar, com dois grandes arquipélagos. De um lado, estava o Arquipélago do Idealismo Jurídico, onde seus habitantes professavam o Direito como valor. Do outro, impunha-se na paisagem o Arquipélago do Empirismo Jurídico, logo identificado por Kelsen como o abrigo para o seu dogmatismo normativista. E, para além do dogmatismo idealista e empirista, estava o Arquipélago da Dialética Jurídica, onde se afirma um Direito que não é, mas que vem a ser. Esse cenário me trouxe à mente a *Escola de Atenas*, do pintor renascentista Rafael Sanzio, trazendo ao centro as figuras de Platão, a apontar para cima, e de Aristóteles, a apontar para a frente, numa genial síntese imagética das duas correntes principais que disputam a primazia do pensamento: Idealismo e Empirismo.

Finalmente, Danton, muito gentil, cedeu-me a sua poltrona, alegando que era hora de partir, sob meu protesto. E eu então acordei. Ou será que não?

Senhoras e senhores, na data de hoje, subo neste trem batizado de Academia Brasileira de Filosofia para ocupar a Cadeira do Positivismo, de número 13, patroneada por Raimundo Teixeira Mendes, cujo fundador e primeiro ocupante foi Danton Voltaire Pereira de Souza.

A Filosofia sempre esteve presente na minha vida. Meu saudoso pai, formado na Ciência de Heródoto, sempre me cercou de livros, gradativamente me inculcando o “amor pela sabedoria”, emanasse ela dos férteis campos da literatura ou dos vastos territórios da ciência, uma e outra extraídas da fonte primeira, inesgotável, da Filosofia, de cujas águas bebem todos os que se ocupam das causas primeiras e últimas e almejam sair da caverna. E o amor pela sabedoria foi gradativamente enchendo o meu mundo de luzes e das dúvidas que deram a René Descartes a certeza de que existia, porque pensava. *Je pense, donc je suis*. E a Academia Brasileira de Filosofia é um feliz paradoxo: existe, porque pensa. E pensa com diversidade: aqui há pensadores de diferentes formações e matizes ideológicos, em prosa e em verso, homens e mulheres. É um pensar que não se encerra em si, que se projeta para a sociedade. Tinha razão Aristóteles na *Metafísica*: “Todos os homens têm, por natureza, desejo de conhecer”. Pela graça deste dia especial, pela honra de passar a integrar esta Excelsa Academia e a participar dessa eternidade que não é de pedra, porque é continuamente alimentada pelos ventos do conhecimento, como desejado pelos positivistas, no compasso do tempo, agradeço a Deus, aos meus pais, aos meus professores e aos membros desta Augusta Academia Brasileira de Filosofia. Como intuiu José Chagas, “o sonho acompanha a trajetória / do tempo e o tempo vive a expectativa / de que a razão da vida se elabore à / luz do que de eterno nos cativa.” Ao que acrescentaria Carlos Nejar: “Tudo cessa. / Tudo cessa, / tudo cessa. / Mas o mundo / é o outro lado / que começa.” O pensamento é o que de eterno nos cativa, e está sempre a se renovar. Questiona Schiller: “Qual de todas as filosofias vai ficar? Não sei/ Mas a Filosofia, espero, há de sempre existir.” *Aber die Philosophie, hoff ich, will ewig bestehn*. Poderia haver missão mais nobre do que defender, como membro de uma academia, esse “amor pela sabedoria”, tão próprio da humanidade?

Muito obrigada.

*Ana Luiza Almeida Ferro*